

A mediação da literatura de cordel no ciberespaço

LAIANE LIMA FREITAS SANTOS

Licenciada em Letras pela UFPI. e-mail: r_jr_santos@hotmail.com

TIAGO BARBOSA SOUZA

Professor de Letras Português-Francês da Universidade Federal do Piauí.
e-mail: tiagobs@ufpi.edu.br



1. INTRODUÇÃO

A cultura, à medida que se moderniza, também é transformada, principalmente com o advento de novos recursos tecnológicos. O folheto de cordel evoluiu ao longo dos anos e foi ganhando novos espaços, garantindo sua propagação pelo mundo e atingindo progressivamente números maiores de pessoas nas regiões em que se desenvolveu, com papel de divertir, informar, alfabetizar, podendo conter histórias fictícias e, além disso, narrar a realidade vivida por esses cordelistas e seu grupo social. A internet permite uma maior mediação desse gênero literário, fazendo com que públicos novos sejam atingidos com assuntos atuais ou atemporais, ora sendo as mídias digitais o espaço de difusão dos textos, ora sendo o seu próprio tema.

A literatura de cordel teve início no século XVI, quando o Renascimento passou a popularizar a impressão dos relatos que, pela tradição, eram feitos oralmente pelos trovadores. A princípio, esse tipo de expressão literária era chamado *pliegos sueltos* na Espanha, *littérature de colportage* na França e “folhas volantes”, em Portugal. Câmara Cascudo (2006) atribui às “folhas volantes” lusitanas a origem da nossa literatura de cordel. Sobre as fontes da literatura popular, afirma que

essa literatura que seria limitada aos provérbios, adivinhações, contos, frases-feitas, orações, cantos, ampliou-se alcançando horizontes maiores. Sua característica é a persistência pela oralidade [...]. Duas fontes contínuas mantêm viva a corrente. Uma exclusivamente oral [...]. A outra fonte é reimpressão dos antigos livrinhos vindos da Espanha ou de Portugal e que são convergências de motivos literários dos séculos XIII, XIV, XV, XVI (Cascudo, 2006, p. 21).

Conforme as transformações no tempo, o modo de divulgação também se alterou e, segundo Cascudo (2006), foram as “folhas soltas” responsáveis por divulgar narrativas tradicionais como “A princesa Magalona”, “História de Imperatriz Porcina”, “Donzela Teodora” e “Carlos Magno e os doze pares de França”, transmitidos pelos colonizadores portugueses para o Brasil, uma vez que até o século XIX eram lidos em fazendas e engenhos. Márcia Abreu explica que essa suposta ligação dos folhetos nordestinos com a literatura de cordel portuguesa, “embora não se sustente após uma comparação atenta, faz parte do senso comum, chegando a parecer natural” (Abreu, 1999, p. 129). Deste modo, se existem identificações concretas entre os folhetos brasileiros e os cordéis portugueses, são pelo fato de surgirem diante de dificuldades sociais e econômicas similares e pelo fato de os poetas terem encontrado soluções semelhantes nos dois contextos, tais como publicar livretos de poucas folhas, em papel barato, a fim de atingir um público que não tem condições de comprar livros caros.

Entretanto, embora essa associação observada no senso comum possa ter sido útil para a difusão do folheto brasileiro, que passou inclusive a ser vendido pendurado em cordões, e não somente exposto em maletas abertas, há indícios de que essa relação de contiguidade entre o cordel português e o folheto brasileiro não seja natural, mas que tenha sido atribuída a eles. Segundo Abreu (1999), existem diferenças entre a literatura de cordel produzida em Portugal e as que são feitas no Brasil. A primeira corresponde ao aspecto formal, pois em Portugal, mesmo que a literatura fosse recitada nas praças e feiras, ela tendia a ser mais ligada à escrita do que a oralidade, consistindo de textos do romanceiro popular tradicional e de peças de teatro.

Desse modo, muito do que foi escrito em folheto em Portugal foi em forma de prosa, enquanto que os versos, quando havia, eram metrificados em quadras ou redondilha maior. Já os folhetos do Nordeste do Brasil apresentam temas locais, como no “ciclo do boi” e no “ciclo do cangaço”, que fazem parte da realidade nordestina, e a sua forma escrita segue regras de composições mais rígidas, surgidas no final do século XIX e início do século XX, por exemplo, tendo versos com uma estrutura de rimas e estrofes mais rígida, podendo ser sextilhas, setilhas, ou décimas, e quando correspondem à transcrição de cantorias, em sua maioria são martelo agalopado ou galope à beira-mar. O seu surgimento no Brasil pode ser atribuído ao mesmo tipo de necessidade observado em outros lugares do mundo, de difusão de ideias e de um produto artístico escrito em um suporte de fácil difusão, cuja reprodução é facilitada pelo tamanho reduzido e pelo conseqüente baixo custo.

Essa questão ligada à editoração dos folhetos remete aos meios pelos quais tradicionalmente esses artistas se adaptaram às circunstâncias midiáticas de suas épocas para difundir seu produto artístico. Esse movimento histórico de midiáticação do cordel encontra analogia no seu processo de apropriação do ciberespaço. A cooperação da literatura popular com novas práticas mediatizadas contribui, portanto, para a preservação do cordel, pela permanência e adaptação aos gêneros

modernos e pelo desdobramento de temas na contemporaneidade. Assim, o cordel no ciberespaço representa ao mesmo tempo permanência e renovação.

Os fatos representados nos folhetos podem apresentar diferenças nas narrativas que os poetas populares constroem a partir de seu imaginário. Entretanto, essa convergência seria a verossimilhança de tal fato, sendo os versos, no folheto, elaborados de um modo mais objetivo para que qualquer leitor capte o acontecido. Acerca disso, podemos afirmar que “entendemos que a verossimilhança, presente/apresentada em uma obra literária é um recorte da realidade, pois se trata de uma construção artística” (Paiva; Lopes, 2008, p. 159). É importante destacar que os folhetos são escritos de modo que podem ser cantados e declamados, ou seja, para a oralidade. Dessa forma, a literatura oral, após passar pela escrita, retorna à oralidade, devido a esse teor vocal latente no texto escrito.

Ao longo do tempo, os folhetos de cordel foram recebendo classificações que poderiam ser chamadas de “temáticas”, surgidas com o intuito primeiro de permitir uma melhor comercialização desse tipo de literatura (Santos, 2007, p. 130). Neste sentido, percebe-se que o uso da rede de computadores por cordelistas facilita a divulgação e circulação dos poemas, permitindo o estabelecimento de contato entre autores, público e demais pessoas interessadas.

Diégues Júnior (1986, p. 55) aponta três grupos principais de folhetos de cordel. O primeiro apresenta temas tradicionais (separados em novelas e romances, contos maravilhosos, histórias de animais, anti-herói: peripécias e diabruras, tradição religiosa); o segundo, fatos acontecidos e circunstanciais (segmentado em fatos de ordem social, como crítica e sátira, vida urbana, Getúlio Vargas, cangaceiros, tipos étnicos e regionais); e o terceiro, poemas que nascem oralmente, em desafios reais ou imaginados entre dois ou mais cantadores (cantorias e pelejas).

Vale ressaltar que a classificação apresentada demonstra as transformações na sociedade brasileira nas últimas décadas, sendo importante destacar esses ciclos, visto que eles mostram o quanto os autores de folhetos tentam se manter em contato com os temas e meios de comunicação mais atualizados de sua época. Hoje, sendo a globalização e a massificação da cultura percebidas pelos cordelistas, eles assimilam e transformam essas questões em temas de novos cordéis, permitindo que se observe um acompanhamento por parte da literatura de cordel da evolução das mídias no decorrer do tempo até a sua chegada no ciberespaço.

2. O CORDEL E A MÍDIA

A presença da literatura de cordel no Brasil tem uma importância que se torna evidente quando se percebe o papel por ela representado numa sociedade em que o livro era raro e as taxas de analfabetismo altas. É pertinente ressaltar que os folhetos lidos por alfabetizados ajudavam os analfabetos a terem um pouco mais de conhecimento, em uma época em que o rádio ainda não existia. O folheto representava nesse caso um meio de acesso rápido a informações e a comentários

e interpretações delas, por ser um suporte simples, que se antecipava na transmissão do fato informativo. Sebastião Nunes Batista explica que

A elaboração de romances, tradicionais ou modernos, se prendeu à necessidade de fixar acontecimentos, de registrar as figuras que dele participaram, de anotar a maneira como decorreram, enfim tudo aquilo que, sem imprensa, sem jornais, sem rádio, as gerações mais antigas tiveram a necessidade de gravar e transmitir, através da história popular, para fazer a sua história (Batista, 1977, p. 7).

De acordo com o autor, a elaboração dos poemas está ligada ao interesse por parte da população de registrar acontecimentos, difundindo uma memória coletiva, como, por exemplo, os romances com cunho histórico, que narram guerras, lutas e personagens que foram reais. A pesquisadora Ruth Terra (1983) encontrou vinte tipografias especializadas em cordel ativas no país entre 1904 e 1930, Recife com total de nove, e o restante dividido entre João Pessoa e Guarabira (AL), Fortaleza (CE), Maceió (AL), Currais Novos (RN), Belém (PA) e Rio de Janeiro (RJ).

Quando a eletricidade chegou ao Nordeste, houve uma distribuição familiar, e cada membro ficava no cômodo de sua preferência. Segundo Diégues Júnior, “a dona de casa fazia seu crochê, o chefe de família lia os jornais que chegavam pelo trem, as moças ficavam em seus quartos ou na varanda, vendo a lua” (Diégues Júnior, 1986, p. 41). Dessa forma, modificou-se o aspecto de leitura coletiva existente até então, mas o aparecimento do rádio fez com que as famílias se juntassem novamente em torno do aparelho para escutar notícias, músicas e outros. Contudo, a possibilidade de haver pequenos aparelhos de rádio fez com que houvesse afastamentos, pois assim cada um poderia ouvir o que quisesse individualmente.

Por sua vez, a televisão, surgida em meados da década de 1950, possibilitou que a família se reunisse novamente diante dessa mídia. Segundo Galvão (2001), após a década de 1960, com a chegada do rádio e da televisão, o cordel declina em suas demandas, as tiragens param de ser impressas, o que parece ser o fim. O rádio e a televisão seriam algumas das principais razões da queda nas vendas, as tipografias de cordel entram em crise e muitas fecham suas portas.

A reação da mídia impressa à modernidade dos novos aparelhos é expressada por Gilmar de Carvalho (1994), que relata um fenômeno que atingiu as agências de publicidade no Ceará. O discurso publicitário a partir da metade dos anos 1970 optou “pelo recurso a modelos de comunicação com fortes referenciais aos padrões culturais da terra” (Carvalho, 1994, p. 23). Grandes anunciantes, como Iguatemi, Scania e Jumbo Mercantil – pertencentes ao grupo Pão de Açúcar –, através da agência Mark Propaganda, utilizaram a literatura de cordel para a criação de suas campanhas publicitárias pela necessidade de o produto industrial ser aceito pela população.

No século XX e início do século XXI, a literatura de cordel conquistou mais

espaço no meio televisivo, e o cinema colaborou essencialmente para isso. A peça de Ariano Suassuna, *Auto da compadecida*, e a adaptação cinematográfica homônima, têm claras referências aos cordéis *O dinheiro ou Testamento do cachorro* e *O cavalo que defecava dinheiro*, ambos de Leandro Gomes de Barros, e ao folheto *Proezas de João Grilo*, de João Martins de Athayde.

Em 2007, o filme *O homem que desafiou o diabo* se inspirou na obra *As pelejas de Ojuara*, de Nei Leandro de Castro, que referencia de forma significativa a literatura de cordel, suas histórias maravilhosas e seu contexto de produção. O cordel também foi abordado no canal televisivo Globo, através da minissérie *A pedra do Reino*, inspirada na obra de Suassuna. A novela *Cordel encantado*, transmitida em 2011, representava o universo nordestino e, em alguns capítulos, apresentou recitais de cordel.

É importante ressaltar que a transposição para a TV apresentou características exploradas pelo Movimento Armorial, movimento cultural-artístico fundado por Ariano Suassuna para promover a ligação da arte de formação técnica erudita com base em tradições da cultura popular nacional.

As reflexões de Martín-Barbero (2004) auxiliam de forma fundamental na compreensão da recuperação de novos espaços pela literatura popular, que conquista mídias que têm como centro a fala, a sonoridade e o movimento. No início da década de 1970, a literatura de cordel no Nordeste estava nos rádios e até na televisão e, dessa forma, caracterizou-se como expressão “ambígua”, por permitir diferentes interpretações pelos receptores, “heterogênea”, representando a mistura de elementos, como as adaptações cinematográficas e radiofônicas, e “conflitiva”, pela questão das mudanças decorrentes dessas adaptações, pois o folheto pode representar várias interpretações possíveis de um mesmo fato ou acontecimento, mesmo sendo histórico, podendo compor novas versões para uma mesma história. Portanto, é relevante observar que variadas formas de se comunicar e informar surgem diante da necessidade de identificação com o público.

Em uma entrevista realizada por e-mail, perguntamos sobre a importância das mídias para o cordel e para a cordelista Dalinha Catunda, integrante da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), que respondeu:

O cordel que muitos diziam que estava morrendo, ganhou sangue novo com as novas mídias. Se ele chegou ao Brasil no baú dos colonizadores hoje ele voa mundo afora nas asas da internet. Temos mais divulgação, repassamos as regras da literatura de cordel em debates virtuais, cordelistas de todo Brasil acabam interagindo através das redes e assim cresce a propagação (Catunda, 2017).

Nesse sentido, a poetisa defende que as mídias são muito importantes para a divulgação dos cordéis, dando ênfase à internet. Além disso, vale destacar dois elementos citados por Dalinha Catunda que marcam essas relações midiáticas no

cordel: a possibilidade de realizações de debates virtuais e a interação presente nesse contexto, em que é possível ler comentários e entrar em contato com outros cordelistas em todo o país.

Conforme a reflexão de Thompson sobre os produtos veiculados na mídia e a sua recepção, “as mensagens podem ser retransmitidas para outros contextos de recepção e transformadas através de um processo contínuo de repetição, reinterpretção, comentário e crítica” (Thompson, 1998, p. 45). Ou seja, acontece a expansão de vozes que podem ser lidas e discutidas em seu espaço de produção e recepção, com a possibilidade de interatividade, isto é, de respostas imediatas e abertas a discussões. Para a construção de um texto é preciso conhecer o assunto a ser explorado, seja a partir de uma notícia de jornal, um documentário, seja a partir de uma imagem. Observe-se o poema “O aposentado que vai casar-se com uma cabra”, de Janduhi Dantas:

Eu hoje tive a certeza
que este mundo está perdido:
há pouco vi na Internet
e fiquei estarecido
um velho querendo ser
de uma cabra marido.

Cinco minutos de fama
é tudo o que o povo quer
para aparecer nas mídias
nêgo topa o que vier
não é que o velho quer mesmo
fazer da cabra mulher?

Este caso é verdadeiro
apesar de ser jocoso
saíu no saite do Standard
um jornal inglês famoso
não é humor de cordel
nem estória de Trancoso.

Não pense o leitor que falo
o inglês, não falo não
li o caso no Yahoo
que fez a propagação
prum cordel, lendo a matéria
veio logo a inspiração
(Dantas, 2015, p. 1-2).

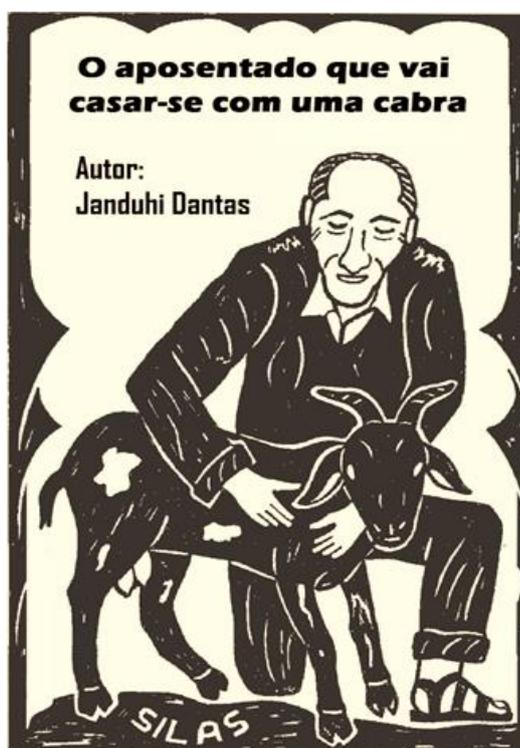


FIGURA 1. “O aposentado que vai casar-se com uma cabra”

Fonte: www.projetocordel.com.br/janduhi/O_aposentado_que_vai_casar-se_com_uma_cabra.php

O cordel em questão poderia ser qualificado como “cordel midiaticado”, com base nos estudos de Simone Mendes (2010), em seu livro *Cordel nas Gerais: oralidade, mídia e produção de sentido*, em que ela descreve a evolução dos suportes na literatura de cordel. Mendes determina critério de classificação para “o cordel midiaticado” e “midiaticação do cordel”, além de esclarecer: “chamaremos de *mi-diatização do cordel* essa relação do cordel com novas tecnologias e novos suportes e chamaremos o produto dessa relação de *cordel midiaticado*” (Mendes, 2010, p. 135).

Conforme a autora, o suporte pode intervir na formação do sentido poético, como é o caso do cordel citado anteriormente: o leitor pode buscar a notícia publicada no sítio Yahoo, mencionado pelo cordelista como fonte de inspiração.

O poeta Janduhi Dantas (2017) afirma o seguinte sobre o folheto *O aposentado que vai casar-se com uma cabra*: “escrevi-o todo a partir de informações retiradas da internet” (Dantas, 2017). Ou seja, é preciso considerar a possibilidade de esses suportes ajudarem na escolha de temas, bem como a utilização de informações divulgadas na mídia como um meio de discussão e transmissão do ponto de vista do autor.

3. O CORDEL NO CIBERESPAÇO

Com a disseminação do uso da internet no Brasil e o desenvolvimento de recursos tecnológicos, percebe-se o aumento no acesso ao computador (Arruda, 2004). Dessa forma, observa-se na contemporaneidade o cordel eletrônico, cujo suporte, em vez de ser o papel, passa a ser a tela. Desse modo, a literatura de cordel alcança um público diversificado, distinto daquele tradicional, geralmente constituído por pessoas menos escolarizadas, e passa a alcançar grupos de pessoas de maioria letrada. Além disso, o cordel vem ganhando maior espaço nas escolas, universidades e também na *web*, ficando mais conhecido em nível nacional e internacional.

Nessa conjuntura, a internet contribui para o aumento na divulgação desse tipo de literatura, visto que a rede de computadores possibilita que um grande número de pessoas tenha acesso ao folheto eletrônico, que ora pode ser digitalizado ou até mesmo criado na plataforma eletrônica, o que tem como consequência a ampliação da divulgação. Concebe-se, com isso, um novo tipo de produção dos folhetos no ambiente virtual. Como afirma Lemos,

o surgimento de um novo meio acaba renovando a percepção que o homem tem de seu mundo, em decorrência de novas configurações de tempo e espaço. Por exemplo, a pós-modernidade é apontada como o terreno de desenvolvimento da cibercultura, onde o espaço e o tempo não podem mais ser percebidos como seus correlatos modernos, em face de uma mudança cultural de maior amplitude (Lemos, 2002, p. 65-68).

Conforme o ponto de vista do autor, pode-se compreender que o ciberespaço expandiu as formas de comunicação, circulação e consumo, criando novos meios de acesso a bens e serviços. Por outro lado, diante das novas demandas da contemporaneidade, alguns poetas de cordel têm receio de que o folheto perca suas primeiras características, deixando de lado sua forma concreta, ou seja, o papel, e ficando somente a forma virtual. Como reflete Benjamin (2000),

muitos pensadores, especialmente os folcloristas, de formação tradicionalista, se chocam com o impacto das novas tecnologias sobre a cultura tradicional. Enquanto se discutem os estragos advindos das novas tecnologias, o povo vai tratando de processar a sua cultura nas novas tecnologias, e mesmo a própria tecnologia na sua cultura. Assim é que surgiu um poeta cibernético na tradicionalíssima literatura de cordel brasileira (Benjamin, 2000, p. 81).

Mesmo que haja a possibilidade de o cordel ser divulgado e comercializado na internet, ou criado no papel, e até mesmo na própria rede de computadores, é relevante que haja discussões, pois elas dão ânimo à sua produção. Pierre Lévy define a cibercultura como “o conjunto de técnicas, de práticas, de atitude, de modos de pensamento e de valores que se amplificam juntamente com o crescimento do ciberespaço” (Lévy, 1999, p. 17). A internet possibilitou aos usuários conhecer e interagir uns com os outros, por meio de ambientes coletivos que reúnem esses usuários independentemente de suas localidades.

Escrever e ler na internet tornou-se uma atividade comum, um exercício diário. Dalinha Catunda assim relata o começo da sua relação com as mídias digitais para o seu trabalho como cordelista:

Começou em 2008. Eu escrevia como colaboradora para dois jornais do Ceará: *Diário do Nordeste* e o jornal *O Povo* e enviar minhas contribuições por e-mail facilitaria. Depois comeci a escrever para blogs, em seguida criei os meus blogs também. *O Cantinho da Dalinha* e o *Cordel de Saia*. No *Cordel de Saia*, tento reunir as mulheres cordelistas (Catunda, 2017).

Percebe-se, desta forma, que a poetisa viu a facilidade em escrever e enviar seus textos por e-mail e, cada vez mais, foi escrevendo para outros jornais até criar os seus próprios *blogs*. Além disso, a literatura de cordel pode ser encontrada de forma prática na internet. É válido destacar que o cordelista utiliza o ciberespaço, ou seja, o ambiente virtual, que é uma grande rede de comunicação navegável, centrada na informação, e disponibiliza o seu texto para o público leitor, através do hipertexto, uma ferramenta de produção de linguagem que possui características ligadas ao uso da tecnologia digital.

Nesse ambiente, o usuário, como emissor de informação, pode ter contato com imagem, som e palavras, ao estruturar sua postagem. Com os novos suportes virtuais, a literatura de cordel é criada nas expectativas da atualidade, buscando um “novo jeito de olhar o mundo com a inocência dos tempos antigos” (Carvalho, 2002, p. 287). Por essa perspectiva podemos afirmar que, a partir dos suportes do ciberespaço, os cordelistas podem ampliar seus conhecimentos e utilizá-los para expandir suas produções ao aproximá-las da população, já que o acesso ao ambiente virtual faz parte da rotina de muitas pessoas espalhadas pelo mundo. Deste modo, observe-se o folheto *Cordel no embalo das redes*, de Dalinha Catunda:

[...] A internet chegando,
Vestiu de asas o cordel,
Que voou pra todo canto,
Como um alado corcel,
Com toda desenvoltura,
Aproveitou a abertura
Para firmar seu papel.

Um dia virou folheto
O que era apenas oral.
Chegou à televisão,
A revista, ao jornal.
E na internet brilha
Seguindo a nova trilha
Neste mundo virtual.

Na internet impera,
A real democracia,
Lê-se o contemporâneo,
E o antigo se aprecia
Com a multiplicidade
O cordel vira verdade
Que na rede contagia.
(Catunda, 2011, p. 3)



FIGURA 2. *Cordel no Embalo das Redes*.

Fonte: www.cordeldesaiablogspot.com.br/2012/03/gazeta-de-noticias-poesia-de-dalinha.html

O poema é escrito em setilhas heptassílabas, com esquema de rimas ABCB-DDB. A autora faz uma narrativa percorrendo os caminhos em que o cordel transitou e ainda transita como o folheto impresso, revista, televisão, jornal, e atualmente a internet, destacando as mídias e citando sua importância para a divulgação em um espaço virtual aberto, em que o cordelista pode criar novos temas e em que também podemos admirar as narrativas antigas (“Lê-se o contemporâneo/ e o antigo se aprecia”).

Desta forma, fica em evidência o encantamento da autora por esse espaço

virtual, pois nele existe uma democracia, visto que o usuário tem liberdade para buscar os textos, ou seja, o espaço do leitor parece ampliar-se à medida que transita pelo ambiente virtual. Além disso, observa-se também nesse meio a liberdade de qualquer usuário publicar suas próprias criações.

A poetisa Dalinha Catunda realiza um amplo trabalho de divulgação da literatura de cordel através da internet, como apresenta-se abaixo, no *blog Cantinho da Dalinha*:

FIGURA 3. Captura de tela da ilustração do folheto
O menino que atravessou o arco-íris, no *blog cantinho da Dalinha*



Fonte: <http://cantinhodadalinha.blogspot.com.br/search/label/Cordel%20de%20Dalinha%20Catunda>

Nesse caso, a intenção da cordelista Dalinha Catunda é a divulgação, por meio da ilustração da capa e de alguns trechos de seu folheto, com a finalidade de conquistar mais espaço e público. Pode-se associá-la a uma tática de promoção em que, ao liberar trechos de sua obra, o leitor só conseguirá ler o final ao comprar o folheto. É interessante observar que esse recurso não difere de técnica anterior de venda, segundo a qual o receptor da obra apenas ouvia uma parte do enredo, sendo preciso comprar o folheto para se ter acesso ao restante da história.

O ambiente virtual tem como característica não ter uma sequência linear, dando liberdade em suas publicações, em um contato interativo com o seu público, que pode opinar e interagir com o poeta. A utilização das redes sociais representa um trajeto em busca de mais visibilidade, possibilitada pelas potencialidades da internet, como, por exemplo, a multimodalidade, que permite que a poesia da voz seja explorada não somente em texto escrito, mas também através de diferentes recursos semióticos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cordel no ciberespaço é um suporte que possibilita o acesso à informação. Os cordéis de circunstância, também denominados “noticiosos” ou “de acontecido”, se originam da repercussão do fato ocorrido e do interesse do poeta. Este é também conhecido como “poeta repórter”, uma vez que converte os acontecimentos em poemas para publicá-los na internet.

A exposição que fazemos desses poemas de cordel visa à observação do surgimento de novos temas ligados ao ciberespaço, apresentando-se cordéis que ora abordam as novas mídias como tema, ora se utilizam dessa tecnologia para se difundir, participando do cotidiano das pessoas que se servem das redes para diferentes propósitos, como busca de informações, o que pode também estar retratado no conteúdo dos cordéis analisados.

Considerando-se a forma de apresentação pelos autores dos poemas no ciberespaço, pode-se constatar que vídeos, imagens, áudio, e não somente o texto escrito, fazem parte do meio de transmissão dos poemas. Verifica-se ainda que o poeta se utiliza de outros meios de comunicação, sejam eles jornais ou revistas, escritos ou em vídeo, *podcasts*, entre outros gêneros encontrados na internet, para compor seus versos, cuja narrativa promove o acesso à informação.

Neste sentido, pode-se afirmar que a relação da literatura de cordel com as novas mídias mantém-se ativa no século XXI e mostra-se uma possibilidade de promoção não só do cordel, mas de poesia no ciberespaço. Utilizando-se de novos meios, como a televisão, a rádio, o cinema e a internet, o cordel, no século XXI, torna-se mais uma ferramenta de comunicação e preservação dos costumes e valores da sociedade e da fruição estética de caráter oral e coletivo. O poeta na contemporaneidade busca dar a essa tradição uma nova linguagem, utilizando-se de novos suportes e temas, mas favorecendo esse diálogo entre tradição e modernidade.

A internet aparece entre esses instrumentos que proporcionam a produção poética, editorial e de divulgação dos folhetos. Os poetas, mediados pelos computadores, passam a criar relacionamentos e conexões capazes de formar uma sociabilidade virtual. Sendo assim, o ciberespaço contribui para a abolição de fronteiras, a relativização de distâncias e a dinamização da comunicação.

5. REFERÊNCIAS

- Abreu, Márcia. *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas: Mercado das Letras, 1999.
- Arruda, Eucídio. *Ciberprofessor: novas tecnologias, ensino e trabalho docente*. Belo Horizonte: autentica, FHC – FUMEC, 2004.
- Batista, Sebastião Nunes. *Antologia da literatura de cordel*. Natal: Fundação José Augusto, 1977.

- Benjamin, Roberto. *A folkcomunicação no contexto de massa*. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2000.
- Carvalho, Gilmar de. *Publicidade em cordel: o mote do consumo*. São Paulo: Maltese, 1994.
- _____, Gilmar de. Cordel, cordão, coração. *Revista do grupo de Estudos linguísticos do Nordeste, GELNE*, 4 (1-2): 285-292, 2002.
- Cascudo, Luís da Câmara. *Literatura Oral no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Global, 2006.
- Catunda, Dalinha. *Entrevista concedida a Laiane Lima Freitas*. Por e-mail em 14/10/2017 [A entrevista se encontra anexa a este artigo].
- Castro, Nei Leandro de. *As Pelejas de Ojuara: o homem que desafiou o diabo*. 5 ed. São Paulo: Arx, 2006.
- Dantas, Janduhi. *Entrevista concedida a Laiane Lima Freitas*. Por e-mail em 06/11/2017 [A entrevista se encontra anexa a este artigo].
- Diéguas Júnior, Manuel. *Literatura popular em verso: estudos*. São Paulo: Editora da USP, 1986.
- Galvão, Ana Maria Oliveira. *Cordel: leitores e ouvintes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- Lemos, André. Cibercultura e mobilidade: a era da conexão. *Razón y palabra*, n. 41. 2004. Disponível em <http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n41/alemos.html#au>
- Lévy, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- Martín-Barbero, Jesús. *Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- Mendes, Simone (org.). *Cordel nas Gerais: Oralidade, Mídia e produção de sentido*. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010.
- Paiva, E. B.; Lopes, M. G. *Biblioteca religiosa e biblioteca medieval: encontro em "O Nome da Rosa"*, *Inf. & Soc.: Est.* 18(1):159-169, 2008.
- Santos, Idellete Muzart Fonseca dos. "Escritura da voz e memória do texto: abordagens atuais da literatura popular brasileira", in: Bernd, Zilá & Migozzi, Jacques (org). *Fronteiras do Literário: literatura oral Brasil/ França*. Porto Alegre: UFRGS, 1995.
- Terra, Ruth. *Memória de Lutas: a literatura de folhetos do Nordeste (1893 -1930)*. São Paulo: Global, 1983.
- Thompson, J.B. *A mídia e a modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1998.

FOLHETOS PESQUISADOS

- Athayde, João Martins de. *Proezas de João Grilo*. Juazeiro do Norte: Tip. S. Francisco, 1977.
- Barros, Leandro Gomes de. *O dinheiro e o testamento do cachorro*. São Paulo: Editora Luzeiro, 2014.
- _____. *O cavalo que defecava dinheiro*. 3 ed. Fortaleza: Tupynanquim, 2003.

Catunda, Dalinha. *O menino que atravessou o arco-íris*. Juazeiro do Norte: Edição da autora, 2016.

_____. *Cordel no embalo das redes*. Rio de Janeiro: Edição da autora, 2011.

Dantas, Janduhi. *O aposentado que vai casar-se com uma cabra*. 2 ed. Campina Grande: Edição do autor, 2015

ANEXOS

ENTREVISTA COM DALINHA CATUNDA

1. *Qual a sua inspiração para escrever cordel?*

Além de ser filha de uma poetisa, tive uma tia que era professora e desde muito cedo me ensinou a recitar. Apresentou-me, através da poesia, poetas como Juvenal Galeno, Casimiro de Abreu e Gonçalves Dias, que me deram base para escrever meus poemas e também meus cordéis.

2. *De qual das suas pejejas virtuais a senhora mais gosta? Como foi realizada essa produção?*

A pejeja “Chiquinha do Cariri e Nanã de Princesa” é minha preferida. Fiz em parceria com a cordelista Josenir Lacerda. Fizemos através de e-mail, numa troca de verso que nos rendeu um bom cordel.

3. *Como organizou a narração do cordel “No embalo das redes”?*

Eu, de certa forma, refiz a caminhada do cordel, mostrando as etapas de sua vida até os dias de hoje. E nesse roteiro, destaquei o cordel nas mídias: rádio, jornais, televisão e internet.

4. *Quais são seus principais temas? Como são escolhidos?*

Meus temas principais são sertão e mulher. São temas que me encantam. Mas na verdade, eu passeio num grande leque que se abre para variadas temáticas, tendo como destaque maior os assuntos engraçados.

5. *Qual a importância das mídias para o cordel?*

O cordel, que muitos diziam que estava morrendo, ganhou sangue novo com as novas mídias. Se ele chegou ao Brasil no baú dos colonizadores, hoje ele voa mundo afora nas asas da internet. Temos mais divulgação, repassamos as regras da literatura de cordel em debates virtuais, cordelistas de todo Brasil acabam interagindo através das redes e assim cresce a propagação

6. *A senhora é uma cordelista ativa nas redes sociais. Como começou essa relação com o mundo digital?*

Começou em 2008. Eu escrevia como colaboradora para dois jornais do Ceará: *Diário do Nordeste* e o jornal *O Povo*, e enviar minhas contribuições por e-mail facilitaria. Depois, comecei a escrever para blogs, em seguida, criei os meus blogs também: o *Cantinho da Dalinha* e o *Cordel de Saia*. No *Cordel de Saia*, tento reunir as mulheres cordelistas.

7. *A senhora tem uma cadeira na ABLC. Como se deu sua entrada?*

A convite de Madrinha Mena, esposa de Gonçalo Ferreira da Silva, o Presidente da ABLC, eu passei a frequentar as plenárias. Conheci Madrinha Mena numa praça

do centro do Rio de Janeiro vendendo cordéis. Nas plenárias eu sempre me apresentava declamando e mostrando meus versos. Depois de pouco tempo fui indicada por três acadêmicos da ABLC: Ivamberto Albuquerque, Dr. Willian J.G. Pinto e o professor Geraldo Aragão. Não demorou muito eu ocupei a cadeira de número 25 que tem como patrono Juvenal Galeno.

8. Como a oralidade influencia na criação dos seus cordéis?

Bom, nascida e criada no interior, sentando nos finais de tarde em calçadas e alpendres, principalmente na época das safras, debulhando milho e feijão, para escutar as histórias de Trancoso, trava língua, adivinhações, estória de alma penada, de mãe d'água, de bruxas, as cantigas de ninar, cantar versos, as cantigas de roda, tudo isso que era repassado de mãe para filha se transforma numa grande herança da qual usufruímos no decorrer do tempo em nossas criações.

9. Já fez Cordel por encomenda?

Já, e me saí bem. "O centenário de Pedro Martins Aragão" e "O nascimento de Cristo".

10. Como funciona a vendagem dos folhetos?

É a parte mais difícil, principalmente para a mulher cordelista, que ainda luta por espaço nesse meio, hoje menos, mas muito machista ainda. As academias de literatura de cordel ainda não acordaram para a comercialização dos folhetos dos seus acadêmicos, enquanto os homens são parceiros uns dos outros, as mulheres se perdem na rivalidade, e assim sendo, nos falta suporte, parceria e espaço para vendagem.

ENTREVISTA COM JANDUHI DANTAS

1. Qual a sua inspiração para escrever cordel?

Me inspiro em temas corriqueiros, do dia a dia das pessoas. Gosto de falar de política, de temas que tenham a ver com cidadania; temas que despertem o senso crítico de meus leitores (que imagino, em sua maioria, jovens estudantes). Acho que escrevo um cordel voltado para a sala de aula.

2. Por que escolheu a literatura de cordel para se expressar?

Como quase todo nordestino, me deparei com o cordel ainda na infância. Menino, adolescente, me arrumava para ir para a escola ouvindo cantoria de viola no rádio. Adolescente, era levado pelo irmão mais velho para as cantorias que havia em nossa cidade e região. Em nossa casa havia uma enorme coleção de cordel que pertencia ao meu irmão mais velho. E eu lia todos esses cordéis. Os clássicos da literatura de cordel. Minha adolescência e juventude, vivi-a nesse universo de leitura de cordel e de cantoria de violas. Adulto, uni a atividade de professor leigo

de português com a de cordelista e publiquei um livro com dicas de gramática em versos de cordel. Foi meu primeiro trabalho publicado, em 2004. Daí em diante, não parei mais de escrever cordel.

3. *Quais questões o senhor quis tratar no cordel "Peleja da carta com o e-mail"? E como organizou essa narração?*

Quis confrontar uma moderna possibilidade de comunicação com uma tradicional. Para a elaboração da narrativa, recorri a um gênero frequente do cordel, a peleja.

4. *Quais são seus principais temas? Como são escolhidos?*

Acho que a primeira pergunta já contempla um pouco esta outra.

5. *Qual a importância das mídias para o cordel?*

Acho que têm a importância, principalmente, de dar ao cordel uma maior divulgação.

6. *O senhor é um cordelista que utiliza o mundo digital a favor dos seus cordéis? Se sim, como?*

Sim. Porque a internet é fonte de informação talvez a mais importante nos dias de hoje. O cordel "O aposentado que vai casar-se com uma cabra", escrevi-o todo a partir de informações retiradas da internet.

7. *Como a oralidade influencia na criação de seus cordéis?*

Para mim, é fundamental a projeção da linguagem oral no cordel, por ser ele um tipo de texto escrito por pessoas do povo; um texto simples, acessível, bem ao gosto popular, o que não quer dizer que é sem beleza, sem recursos estéticos. A linguagem coloquial deve permear sempre todo o texto do cordel. A meu ver, o cordel é essencialmente oral.

8. *Já fez cordel por encomenda?*

Não. Não gosto. Não aceito encomendas.

9. *Como funciona a vendagem dos folhetos?*

Não tenho muito tempo para comercializar os cordéis, para sair vendendo-os por cidades não só da Paraíba, mas também de estados vizinhos. Por isso, creio que perco a oportunidade de divulgar melhor o meu trabalho. Minha distribuição fica restrita a uma área geográfica que vai de Patos a João Pessoa apenas. Meus pontos de venda são bancas e livrarias de cidades paraibanas como Patos, Santa Luzia, Juazeirinho, Soledade, Campina Grande, Picuí e João Pessoa, basicamente. Só há pouco tempo consegui deixar cordéis em bancas de Sousa e Cajazeiras, cidades também da Paraíba. Tenho cerca de 30 títulos publicados, e aproximadamente 100 mil exemplares vendidos. Tenho informação de que, principalmente de bancas e

livrarias de Campina Grande e João Pessoa os cordeizinhos são levados para outros lugares do país.

ARTIGO RECEBIDO EM 03/06/2018; APROVADO PARA PUBLICAÇÃO EM 10/07/2018

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a midiatização do gênero literário *cordel*, que passou a transitar em novas mídias, como rádio, televisão e, em específico, na internet. A reflexão aqui desenvolvida busca tratar as transformações acerca dos diversos suportes que o *cordel* incorporou ao longo do tempo, discutir a sua relação com as mídias e identificar a sua inserção no ciberespaço. O poeta, na contemporaneidade, busca dar a essa tradição uma nova linguagem, utilizando-se de novos suportes e temas, mas possibilitando o diálogo entre tradição e modernidade. Esta pesquisa se fundamenta em autores como Câmara Cascudo (2006), Diégues Júnior (1986), Idelette Muzart Fonseca dos Santos (1995), Gilmar de Carvalho (2004), Pierre Lévy (1999), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Cordel. Midiatização. Ciberespaço. Contemporaneidade.

ABSTRACT: This article aims to reflect on the mediatisation of the literary genre *cordel*, which also began to move in new media, such as radio, television and specifically the internet. The reflection developed here seeks to treat the transformations about the different supports which *cordel* literature has incorporated over time, discuss their relationship with the media and identify their insertion in cyberspace. The poet, in contemporary times, seeks to give this tradition a new language, using new media and themes, but allowing the dialogue between tradition and modernity. The research is based on authors such as Câmara Cascudo (2006), Diégues Júnior (1986), Idelette Muzart Fonseca dos Santos (1995), Gilmar de Carvalho (2004), Pierre Lévy (1999), among others.

KEYWORDS: Cordel. Mediatization. Cyberspace. Contemporaneity.